

6-10
1777

16)

Copy request
From NYCG (Ernesto) to NYPG

NYCG89-11981

[10:48pt 04-28-89]

Boletim da Sociedade de Estudos da Colônia de Mo_cambique. -- Louren_co
Marques : A Sociedade,

-- III, 1934/pg. 163-ff

JoRge, Thomas. "As aptidoes musicas dos indigenas de mocambique"

Borrower: Interlibrary Loans Section
Columbia University Libraries
535 West 114th Street
New York, NY 10027

Patron: Carvalho, João

Verified: ULS 5:3914

LCCN: s f836931

ID: NYCG89-11981 L/C: C CR: CCL PST: G

As aptidões musicais dos indígenas de Moçambique

pelo MAESTRO TOMÁS JORGE JÚNIOR

THIS MATERIAL MAY BE PROTECTED BY THE
COPYRIGHT LAW (TITLE 17, U.S. CODE).

Com 14 anos de permanência na Colónia de Moçambique, tenho-me dedicado ao estudo das aptidões musicais dos seus indígenas, especialmente os dos distritos de Lourenço Marques, de raça Bantu e sub-raças Ba-ronga, Ba-tonga e Ba-chope, e de Quelimane, da mesma raça e sub-raças Ba-songa e Macuas. São estes, com efeito, os que melhor conheço, não só pela minha permanente residência no primeiro daqueles distritos, como também pelo contacto, com esses mesmos e os de Quelimane, a que as minhas próprias funções militares naturalmente obrigam.

É notado que os indígenas de Moçambique, independentemente de qualquer espécie de aprendizagem orientada, mostram certa vocação para determinados ramos de natureza artística, incluindo a pintura, embora sob um aspecto embrionário. Natural seria, pois, que da música se não alheassem também, especialmente sob a modalidade do *canto*, já que é esta a forma mais intuitiva de combinações de sons.

Com efeito, percorrendo-se quaisquer regiões onde os indígenas vivem mais afastados da civilização europeia, encontram-se freqüentemente, durante as suas festas e danças características, grupos, quer executando com perícia pequenos trechos musicais simplistas, em instrumentos rudimentares de percussão, marimbas, tambores, etc., quer entoando várias canções tradicionais.

Tem sido, pois, sobre estas simples manifestações primitivas que têm incidido as minhas observações sobre a vocação e aptidões naturais dos indígenas de Moçambique para a arte musical.

É evidente que, sem qualquer espécie de preparação artística,

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs, with some lines appearing as distinct headings or section markers. The overall appearance is that of a document page with significant ghosting.

As aptidões musicais dos indígenas de Moçambique

pelo MAESTRO TOMÁS JORGE JÚNIOR

THIS MATERIAL MAY BE PROTECTED BY THE
COPYRIGHT LAW (TITLE 17, U.S. CODE).

Com 14 anos de permanência na Colónia de Moçambique, tenho-me dedicado ao estudo das aptidões musicais dos seus indígenas, especialmente os dos distritos de Lourenço Marques, de raça Bantu e sub-raças Ba-ronga, Ba-tonga e Ba-chope, e de Quelimane, da mesma raça e sub-raças Ba-songa e Macuas. São estes, com efeito, os que melhor conheço, não só pela minha permanente residência no primeiro daqueles distritos, como também pelo contacto, com esses mesmos e os de Quelimane, a que as minhas próprias funções militares naturalmente obrigam.

É notado que os indígenas de Moçambique, independentemente de qualquer espécie de aprendizagem orientada, mostram certa vocação para determinados ramos de natureza artística, incluindo a pintura, embora sob um aspecto embrionário. Natural seria, pois, que da música se não alheassem também, especialmente sob a modalidade do *canto*, já que é esta a forma mais intuitiva de combinações de sons.

Com efeito, percorrendo-se quaisquer regiões onde os indígenas vivem mais afastados da civilização europeia, encontram-se freqüentemente, durante as suas festas e danças características, grupos, quer executando com perícia pequenos trechos musicais simplistas, em instrumentos rudimentares de percussão, marimbas, tambores, etc., quer entoando várias canções tradicionais.

Tem sido, pois, sobre estas simples manifestações primitivas que têm incidido as minhas observações sobre a vocação e aptidões naturais dos indígenas de Moçambique para a arte musical.

É evidente que, sem qualquer espécie de preparação artística,

não poderiam constituir fragmentos musicais aceitos pela técnica, os trechos executados em tais instrumentos construídos sem obediência aos preceitos exigidos pela arte. E, com efeito, tendo transportado para a escrita os sons produzidos em alguns d'elles, verifiquei que não dão nunca as escalas completas diatónicas, maiores, e ainda menos as menores — harmónica melódica — nem, conseqüentemente, as cromáticas, embora figurem algumas das suas notas naquelas escalas.

Impossível se torna, todavia, aceitar e classificar dentro das várias espécies de composição, as suas execuções, em conseqüência daquelas notas, por vezes exactas, a que me referi, serem successivamente alternadas por outros intervallos que a nossa técnica não admite.

Ora, o fenómeno que se observa nos seus instrumentos rudimentares nota-se, também, no canto em que aquellas escalas não são executadas em toda a sua extensão, embora nesta especialidade atinjam um grau de perfeição ligeiramente superior, por lhes ser, evidentemente, mais fácil a regularização das escalas pela emissão de sons vocais.

Há, também, a salientar que os tons menores nunca figuram nas suas canções, tendo verificado a sua negação absoluta para essas tonalidades.

Mas, a pesar de tais deficiências, não deixam de revelar certas qualidades aproveitáveis; alguns, mesmo, determinada vocação musical.

Ora são essas qualidades que, no conjunto da acção civilizadora dos portuguezes em Moçambique, têm sido successivamente aperfeiçoadas, por intermédio das escolas rudimentares e primárias, escolas de artes e officios, missões e unidades militares por onde anualmente transitam milhares de indigenas dos contingentes de recrutas que nelas recebem uma completa educação e instrução.

A organização do orfeão das praças da 5.^a Companhia Indígena, é pois, uma manifestação da actividade militar, normal, da Colónia, onde esse ramo de ensino se acha previsto e tem execução. Não é, todavia, sem grandes dificuldades que tais conjuntos orfeónicos se conseguem, porquanto os organizadores, em regra têm que defrontar-se, no acto da incorporação nos serviços militares, com a geral incultura dos instruendos, a sua nula preparação artistica e o desconhecimento da lingua portuguesa.

Assim, após a escola das vozes feita ao piano para constituição dos diferentes naipes, só com o ensino individual muito exaustivo se obtem, de começo, algum rendimento, e, para tal, as explicações, muitas vezes, têm que ser dadas com o auxilio de intérpretes.

Foi, portanto, desta forma, que se conseguiu o conjunto orfeónico das praças indigenas de Moçambique que representa esta Colónia na Exposição Colonial do Porto, não deixando de ser

apreciável o seguinte programa que até à data, e num curto prazo, foi possível ensaiar:

A) — ORFEÃO A 3 VOZES:

a) Músicas portuguesas:

Portuguesa — Hino nacional.
Maria da Fonte — Hino patriótico.
Soldado de Moçambique — Canção.

b) Músicas indígenas:

Sia Joina — Hino.
Ingue Igoniama — Canção.
Salanini ba Makueru — Canção.
Kulelany Ka Yehora — Canção.
Hina li ma Africano — Canção-marcha.

B) — ORFEÃO A 4 VOZES:

a) Música portuguesa:

Romeiros que passam.

Direi, todavia, que, em consequência da já citada dificuldade na emissão das tonalidades menores que, entre os indígenas da Colónia, são ainda desconhecidas, o Hino Nacional é todo executado em tom maior, o que, estando tecnicamente certo, não deixa de ser bastante interessante, embora não exprima, apenas, a intenção do autor.

Mas a apresentação na Metrópole de um grupo orfeónico de soldados indígenas é, sem dúvida, uma bela demonstração não só do grau de aperfeiçoamento da instrução militar em Moçambique, como também da acção civilizadora dos portugueses e do muito interesse de Portugal pela educação dos indígenas do seu Império Colonial.

Lourenço Marques, 15 de Abril de 1934.